

XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007.

## **Entre raíces e radares, o exílio brasileiro (1964-1979).**

Rollemborg, Denise (Universidade Federal Fluminense, Brasil).

Cita:

Rollemborg, Denise (Universidade Federal Fluminense, Brasil). (2007). *Entre raíces e radares, o exílio brasileiro (1964-1979)*. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-108/758>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

XI JORNADAS INTERESCUELAS/DEPARTAMENTOS DE HISTORIA. Tucumán, 19-22 de Septiembre de 2007.

Mesa Temática Abierta: nº 83

Autor/res-as: ROLLEMBERG, Denise

Universidad, Facultad y Dependencia: Professora de História Contemporânea da Universidade Federal Fluminense, Departamento de História; Membro do Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC-UFF).

CARGO DOCENTE: Professora de História Contemporânea

DIRECCIÓN: Rua Coelho Neto, 52 - 1.104. Laranjeiras. 22.231-110. Rio de Janeiro. RJ. Brasil.

TELÉFONO: 55 21 25546621

FAX: fax 5521 22050103.

E mail: deniserollemberg@uol.com.br

## TÍTULO. Entre raízes e radares, o exílio brasileiro (1964-1979)

O exílio é uma experiência heterogênea, vivida em função de uma série de variáveis, inclusive dos traços de personalidade de cada um. No exílio brasileiro dos anos 1960 e 1970, assim como em qualquer exílio, houve quem suportasse situações adversas, as mesmas nas quais outras pessoas sucumbiram e vice-versa. E mesmo houve quem foi capaz de lutar pela vida em momentos de perigo e, passada a ameaça, entrar em um processo de autodestruição. Ou seja, as trajetórias no exílio variaram não só de pessoa para pessoa, mas também *na* mesma pessoa, segundo razões explicadas, muitas vezes, pelas circunstâncias históricas, mas que vão muito além destas, dizem respeito a um mundo subjetivo que só a História, como campo de conhecimento, não dá conta.

Na Psicanálise, por outro lado, há uma ampla reflexão a respeito do *estranhamento*, sentimento tão presente no exilado. Este é, na verdade, o seu objeto de estudo, de reflexão. Para Luís Eduardo Prado de Oliveira, psicanalista, ex-exilado brasileiro radicado em Paris, a Psicanálise não se interessou, particularmente, pelos estrangeiros, exilados, refugiados e

migrantes, que têm em comum o estranhamento, por ser, ela mesma, uma teoria fundada no estrangeiro, no exilado, no refugiado, no migrante. Ou seja, não tem uma preocupação especial por eles, porque o universo do estrangeiro está na sua base. O estrangeiro é aquilo que não se pode reconhecer em nós mesmos: o inconsciente. Aí está a descoberta, segundo Julia Kristeva, também de origem estrangeira, de Freud, ele próprio " ... judeu errante da Galícia a Viena, em seguida Londres, passando por Paris, Roma e Nova York ...". Com o inconsciente, a alteridade torna-se parte do mesmo. Neste sentido, "somos nós próprios estrangeiros" ou "o estrangeiro está em nós", como concluiu Kristeva.

Assim, o historiador, que tenha como objeto de estudo o exílio, seja qual for seu tempo e lugar, ganhará muito se recorrer à Psicanálise, ao indivíduo não para aí ficar, mas para voltar para a História, agora incorporadas reflexões deste campo de conhecimento. Conhecer as histórias, as trajetórias de vida para melhor conhecer a História.

As memórias no exílio e do exílio brasileiro dos anos 1960 e 1970 são memórias de estranhamento, desenraizamento, sofrimento, perdas, luto, dor, confusão, loucura, morte. Mas também de descobertas, aprendizado, enriquecimento, redefinições, amplitudes, nascimentos, resistência, vida. O diálogo entre História e Psicanálise contribuiu na compreensão de diversidades, contradições e dubiedades que a experiência impõe ao exilado.

Acredito que, assim, pode-se ter uma visão mais rica e aprofundada dos seus significados e do seu papel na redefinição dos projetos políticos e pessoais das gerações (J.-F. Sirinelli) de 1964 e 1968 que viveram o exílio, suas rupturas e continuidades, suas transformações.

### **I. "Nômades" et "sedentários"**

É comum entre os pesquisadores que trabalham com o tema exílio e, de certa forma, entre os que o viveram, uma ênfase em seus aspectos negativos: a função de eliminação, afastamento, exclusão de uma geração que se opõe ao *statu quo* que, sem dúvida, é característica do exílio. Creio que esta predominância - às vezes, exclusividade - diz respeito aos aspectos de uma luta política que é anterior à constituição do exílio como objeto de pesquisa. Nas entrevistas, depoimentos, cartas e autobiografias, esta tendência

aparece, num primeiro momento, quase que como uma memória consolidada. Consolidada, talvez, no embate político pela anistia, que colocou um ponto final no exílio. Entretanto, parece evidente a distância entre esta "memória consolidada" e a memória que vai sendo trabalhada, construída, registrada nestas fontes. Muitas vezes (embora nem sempre), a percepção essencialmente negativa do exílio é relativizada em relação ao ponto de partida. Ao *contar* sua vida, ao lembrar para o historiador sua trajetória de exílio, aquele que viveu a experiência conta-a para si mesmo, fazendo uma espécie de balanço das perdas e ganhos, das dores, dos sofrimentos, mas também das descobertas, das possibilidades que se abriram *porque* vivia a experiência do exílio. Nas autobiografias, este processo de elaboração, evidentemente, é bem mais longo e complexo, de outra natureza mesmo e que, não raro, tensiona-se com o ponto de partida - a essência negativa do exílio - , mesmo que continue pagando tributos a ela.

Sendo assim, acredito que para compreender o exílio - ou o exílio em questão - é preciso superar interpretações dicotômicas e trabalhar a riqueza que cabe entre os seus extremos. Assim, nosso personagem é, ao mesmo tempo, o "nômade" e o "sedentário" de Georges-Hubert de Radkowski<sup>1</sup>. Ou seja, aquele que vive a tensão "da separação e da amplitude": um homem da "marcha errante", "do horizonte"; aquele "fora do lugar", "na estrada", "do por-vir" e, ao mesmo tempo, aquele "fixo ao solo", "extraíndo sua existência de sua origem", fundamentando-se nesta origem"<sup>2</sup>. Ele é um e outro, e não um ou outro.

A dicotomia de Radkowski aparece, de certa forma, na poesia de Miguel Torga: "Enquanto os outros mortais são árvores humanas plantadas no solo onde nasceram, que o vento da exclusão não arranca nem o imperativo da fome desloca, o emigrante, ao invés de galhos, tem asas, que não atingem somente o espaço limitado da copa, mas toda a imensidão possível"<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. Georges-Hubert de Radkowski, "Nous, les nomades...". *Actions et Recherches Sociales*. Revue Interuniversitaire de Sciences et Pratiques Sociales. Université Paris Val-de-Marne, Créteil, n° 2, juin 1989 , p.19.

<sup>2</sup> Georges-Hubert de Radkowski, apud Anne-Marie Gaillard, *La fin d'un exil? Le cas des exilés chiliens en France*. Mémoire de maîtrise en Sciences Sociales appliquées au travail. Université Paris Val de Marne, UFR CIS, Département de Sciences Sociales, octobre 1990, p. 87.

<sup>3</sup> Miguel Torga. "L'émigrant". Original en portugais in *Traço de união*. 2ª ed. Coimbra, 1969, pp. 39-40.

Entretanto, o escritor português, a partir de sua experiência como migrante no Brasil, acaba por fundir as duas definições tão opostas num único, ao falar da dor do desenraizamento, dos que vivem divididos entre culturas e mundos diferentes, sentimento que atinge profundamente o exilado. Medo do desconhecido, incompreensão, solidão, isolamento, incertezas, violência do clima, tudo isto rompe a unidade que ele dominava e provoca "...esta quebra interior, este desequilíbrio do espírito (...), partido como um cristal trincado por um vento cruel". Deste sentimento, surge um ser de duas faces, olhando em direções opostas, desejando partir e ficar, vivendo em um "caos de valores contraditórios", onde oscila, hesita e sofre. Em Torga, as erupções fugazes, emergentes do vulcão que queima os subterrâneos do ser, é alguma coisa rompida gritando por uma unidade impossível. Os países de origem e destino são como "lábios de uma ferida necrosada, sem esperança de cicatrização ». A solidão o domina: «Solidão de um Cristo de braços abertos, estendido em duas direções opostas, mas pregado na dureza da madeira"<sup>4</sup>.

Se Miguel Torga percebe a duplicidade da experiência - o exilado, então, seria o "nômade" e o "sedentário", ao mesmo tempo - , o resultado final chega a ser comparável poeticamente à dor da crucificação. Ou seja, esta vivência dupla é, essencialmente dilacerante, porque dupla, cindida.

Já o testemunho de Victor Serge é primoroso para uma outra compreensão do "sentido duplo do exílio" para o qual chamamos a atenção e que melhor expressa o exílio brasileiro dos anos 60 e 70:

"Exilado político de nascença, conheci as vantagens reais e os pesados inconvenientes do desenraizamento. Ele amplia a visão do mundo e o conhecimento dos homens; dissipa as névoas dos conformismos e particularismos sufocantes; evita uma auto-suficiência patriótica que, na verdade, não passa de uma medíocre auto-satisfação; mas, na luta pela existência, constitui um *handicap* mais que sério. (...). Por minha parte, não deploro o fato de trazer esse peso de chumbo sobre a cabeça, sentindo-me ao mesmo tempo russo e francês, europeu e euroasiático, sem ser estrangeiro em lugar nenhum - apesar das leis - ,

---

<sup>4</sup> Miguel Torga. "L'émigrant". Original em português in *Traço de união*. 2ª ed. Coimbra, 1969, pp. 35, 38 e 39.

mas reconhecendo em todos os lugares, na diversidade dos locais e das pessoas, a unidade da terra e dos homens"<sup>5</sup>.

## II. Cotidiano e reconstrução: a vida no exílio

A França, particularmente, Paris, foi um centro importante da segunda fase, ou seja, após a queda de Salvador Allende, no Chile, em 1973. A idéia, nesta parte, é pensar a França não separadamente, fora do contexto, mas sim no contexto da segunda fase.

Proponho, aqui, uma abordagem do exílio a partir da experiência vivida no dia-a-dia, envolvendo questões de ordem subjetiva e objetiva.

Depois de se sentir no centro dos acontecimentos, em uma conjuntura de intensa agitação política, o exílio foi, para as gerações 1964 e 1968, a ruptura com uma realidade e o desenraizamento do universo de referências que dera sentido à luta. A derrota de um projeto político e pessoal, o estranhamento em relação a outros países e culturas, as dificuldades de adaptação às novas sociedades, o sentimento de infantilização que a adaptação muitas vezes implica, o não-reconhecimento nos novos papéis disponíveis, tudo isto subvertia a imagem que os exilados tinham de si mesmos, desencadeando crises de identidade. Em diversas situações cotidianas, foi possível ver a manifestação destas crises: na batalha pelos documentos ou na recusa em obtê-los; no trabalho e no estudo; na militância política ou no seu abandono; nas atividades culturais e artísticas; na vida familiar e afetiva.

A história do dia-a-dia no exílio é, portanto, a história do choque cultural renovado constantemente; do mal-estar em relação ao outro e, sobretudo, em relação a si mesmo, entre o que se era - ou se pretendia ser -, e o que se acabou sendo de fato. É a história da desorientação, da crise de valores que significou, para uns, o fim de um caminho e, para outros, a descoberta de outras possibilidades. É a história do esforço inútil e inglório para manter a identidade. É a história da sua redefinição e da sua reconstrução, que se impunham num processo que se estendeu ao longo das fases do exílio e que continuou para muitos, mesmo depois da volta ao Brasil.

---

<sup>5</sup> Victor Serge. *Memórias de um revolucionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp. 425-6.

Diversos fatores atuaram na maneira de viver o cotidiano, a começar pelos traços de caráter e personalidade de cada um. O *status* social igualmente pesava: enquanto alguns exilados eram reconhecidos como profissionais ou como personalidades públicas, não lhes faltando convites institucionais para prosseguirem trabalhos interrompidos, outros precisavam impor sua presença, lutando pelo visto e pela sobrevivência material, muitas vezes realizando atividades que nada tinham a ver com suas expectativas e para as quais estavam superqualificados. Os recursos pessoais também produziam diferenças: alguns contavam com reservas de dinheiro ou com a ajuda de família, outros não. A idade interferia: em geral, os mais novos, com menos *bagagem* acumulada e solidificada, eram mais flexíveis diante das adversidades, mas, por outro lado, os exilados com alguma notoriedade, eram também os mais velhos; o conhecimento da língua estrangeira e o grau de dificuldade para aprendê-la faziam diferença; ter a companhia da família, às vezes, representou um fator de segurança e apoio, mas às vezes, foi uma sobrecarga de responsabilidade. As fases do exílio também foram decisivas: as referências de cada período podiam abrir horizontes ou eliminar esperanças, facilitando ou não o enfrentamento das situações concretas; os países de exílio interferiam diretamente, aguçando ou atenuando as contradições. Finalmente, pertencer a um partido ou organização ou ter uma militância mais definida, ou redirecioná-la para um projeto profissional, em geral, dava um sentido à vida no exílio.

Enfim, a crise de identidade do exilado envolveu uma rede complexa de questões, que afetaram cada um de forma particular. As memórias no exílio são diversas. Há depoimentos que enfatizam a maravilha de deixar um país sob ditadura (ou um país/Chile) e, da liberdade, viria a força para superar as dificuldades cotidianas. Já para outras pessoas o dia-a-dia foi um drama insuportável, que levou, no limite, à loucura ou até mesmo ao suicídio, evidenciando o quão dilacerante a dor do exílio pode ser. Entre os extremos, as vivências foram inúmeras. Recorrente é o fato de a maior parte dos depoimentos levantar - e até enfatizar - os aspectos psicológicos seja para afirmar sua relevância seja para questioná-la. Trata-se, portanto, de refletir como o processo de crise de identidade influenciou as duas gerações como um fenômeno histórico. Em outras palavras, de pensar como a desorientação provocada pelo exílio atuou na redefinição do projeto político anterior, a

partir da reconstrução da identidade dos exilados. Magno José Vilela, dominicano exilado em Paris, por exemplo, falou no exílio como uma "aventura coletiva"<sup>6</sup> e não individual. Mais apropriado, contudo, seria percebê-lo como uma «aventura coletiva» e, ao mesmo tempo, uma «aventura individual». Ainda em 1976, César Benjamin chamou a atenção para a questão, com suas contradições e ambigüidades:

"*Paris é uma festa*, mas para muitos é também um fim de festa. Há um drama no ar, de que somos protagonistas há vários anos mas agora com outro caráter. Nossa sorte, ou azar, não sei, mas nossa força, com certeza (mas que se torna a fraqueza de muitos), vem de ser coletivo, quer dizer, histórico. Aqui, porém, vê-se claramente o fim de um ciclo: o mesmo drama que teve suas bases lançadas quando rompemos, com energia mas pouca visão, com nossa classe em 1969, seguindo sem ela a todo vapor, hoje chega a seu ato final, que pode levar, para alguns, toda uma vida, numa profunda crise de identidade que, desnecessário dizer, abre a (difícil) possibilidade de reconstrução. O triste é ver este drama atual: se no Brasil suas bases estavam lançadas e em desenvolvimento, lá ele se mesclava com o elemento heróico, utópico (no sentido de antítese de mesquinho), tendia ao épico que nos sustentava e dava uma beleza; enquanto aqui, para muitos, do drama resta a tragédia, ou até atinge-se a farsa. A crise de identidade que se vê nos rostos das pessoas sem pátria e sem classe, sem encadeamento entre passado e presente se projetando pra frente, vivendo numa eternidade estática e vazia de sentido (é bom, por sinal, eu estar lendo agora *A Montanha Mágica*), a crise de identidade, repito, se é forte e dura, nos abre ao mesmo tempo a possibilidade de sua reconquista em outro nível, maior, mais profundo e humano, porque optada. Trata-se de um desafio. Creio que muitos não o vencerão, mas os que sobreviverem terão algo a dizer"<sup>7</sup>.

### III. A desorientação, o vazio, o medo, a loucura

---

<sup>6</sup> Depoimento de Magno José Vilela, in Pedro Celso Uchôa Cavalcanti et Jovelino Ramos (éds.). *Memórias do exílio*. 1964 / 19???. De muitos caminhos. Vol. 1. São Paulo, Livramento, 1978, p. 220.

<sup>7</sup> Carta de César Benjamin a sua mãe, Iramaya Benjamin. Estocolmo, 16 de novembro de 1976. p. 1.

O afastamento do universo de referências faz com que o exílio pareça com vazio, ausência, intervalo. As noções de tempo e lugar perdem a nitidez, confundindo o passado e o presente, sobrepondo o país de origem ao de destino, num esforço para manter o que não existe mais. Na impossibilidade de realizá-lo, restou em muitos a angustiante sensação de tempo perdido: «Mais do que tempo, são as sensações perdidas, a sensibilidade, o modo de encarar a vida - tudo me faz falta. Tempo perdido por estar aqui, e não aí», como descreveu César Benjamin<sup>8</sup>. O «estar fora do lugar» confundia-se com o «estar fora do tempo». Miguel Arraes fala da busca do lugar perdido como a luta pela vida, como a resistência à morte:

"O exílio é como se você visse o tempo passar fora de você. As coisas ocorrem sem que você participe, sem que você esteja dentro delas. É preciso, portanto, um esforço enorme para se manter a par da realidade, através de conversas, visitas, leituras de jornais, programas de rádios etc. É preciso um esforço para viver porque, do contrário, quando se fica fora do tempo não se vive"<sup>9</sup>.

Imerso nas dificuldades para redefinir um projeto político e de vida, o passado foi, para muitos, a procura de si mesmos e se impunha como essencial à própria sobrevivência.

O exílio é associado confusão: «Eu acordava sufocado, ligava para todo mundo, escrevia feito um louco, procurava as pessoas. Me enchia de prazer em saber dos detalhes das vidas contadas em cartas», diz Juarez Ferraz de Maia<sup>10</sup>. A solidão do exílio desencadeava em Juarez a lembrança da solidão vivida na prisão, das semanas passadas na solitária.<sup>11</sup>

A desestruturação emocional do exílio é apontada como responsável pelo fim de muitos casamentos. Com a perda de referências e as dificuldades do período de reconstrução, o desgaste é inevitável. Por outro lado, fala-se também nas relações que se mantiveram exatamente por causa do exílio, como uma necessidade de preservar algo estável, diante da instabilidade, apegar-se a quem se conhece, diante do desconhecido.

<sup>8</sup> Carta de César Benjamin para sua mãe, Iramaya Benjamin. Estocolmo, 23 de setembro de 1977.

<sup>9</sup> Entrevista com Miguel Arraes, no *Pasquim*, 9 (535): 4-5, 28 set. / 04 out. 1979. p. 5.

<sup>10</sup> Entrevista com Juarez Ferraz de Maia, concedida a DR, em Paris, 27 de novembro de 1995.

<sup>11</sup> A solidão, entretanto, não é exatamente um problema que atinja apenas os exilados. Entretanto, por desconhecer os códigos sociais, o exilado sente-se particularmente marginalizado neste universo.

Nas memórias do exílio, está muito presente o que seria a dupla face das instituições de ajuda a refugiados: de um lado, a solidariedade, providenciando alojamento, alimentação, trabalho, roupas, documentos; de outro, a infantilização inerente à dinâmica assistencialista. Entre a necessidade e o constrangimento, o exilado, rebatizado como refugiado, sem se reconhecer no novo papel que lhe atribuíam. Não é à toa que se fala da desagradável sensação de *ir* receber os recursos concedidos.

O processo de infantilização foi penoso sobretudo para quem estava submetido a trabalhos desqualificados, com dificuldades para encontrar uma brecha, seja na política, no trabalho ou no estudo, capaz de mudar a situação. Assim, o exílio parecia se reduzir à mera sobrevivência, sobretudo se comparado às perspectivas que a militância passada havia criado.

Se a infantilização parece ter afligido menos os profissionais qualificados que conseguiram uma inserção profissional em nível equivalente ao que possuíam no Brasil, há depoimentos de intelectuais nesta situação que apontam de que maneira o problema também os atingiu: sobretudo no que diz respeito ao domínio da língua. Um *domínio* que diz respeito também aos gestos, aos códigos, à maneira de pensar, enfim, a toda uma cultura.

A perda da língua materna é a perda da linguagem expressiva, a perda da emoção, como analisa Luiz Alberto Sanz: "Ao falar num idioma que não é o meu e que eu não domino tão bem, eu conseguia dizer coisas com muito menos emoção do que eu digo em português".

"Conseguia dizer as maiores barbaridades para as pessoas sem me envolver demais com o que estava dizendo. Parecia que era outra pessoa que estava dizendo. (...). Quando passava a dominar o idioma, conseguia botar emoção e aí era um desastre. Dizer barbaridades com emoção choca mais do que se você falar sem emoção. Se é muito mais "objetivo" quando não se domina a língua"<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Entrevista com Luiz Alberto Sanz, concedida a DR, no Rio, 14 de setembro de 1995.

Herbert Daniel também registrou o significado da ausência da língua materna: «O maior problema do exílio é a perda da língua. Perder sua língua é perder a alma»<sup>13</sup>. A língua como referencial básico da identidade social e a falta da língua redefinindo identidades.

A capacidade de expressão e compreensão se restringia ou desaparecia subitamente. O aprendizado da língua levava tempo, agravando o isolamento do exilado em relação aos outros e ao mundo, tornando penosos os atos mais simples do cotidiano.

Em meio à falta de perspectivas, a redefinição da identidade, freqüentemente, implicou um processo lento e doloroso. Houve quem não conseguisse superar a crise.

A morte foi o caminho que frei Tito de Alencar e Maria Auxiliadora Lara Barcellos, a Dora, encontraram para por fim ao medo, ao vazio e à loucura.

Tito, banido em 1971, enforcou-se em um convento nas proximidades de Lyon, em 1974, aos 31 anos de idade. Nos três anos de exílio, jamais se refez do trauma da tortura e da prisão. A convicção de que Fleury (conhecido delegado torturador) estava na França para persegui-lo transformou sua vida em um tormento. A reestruturação de Tito foi impossível, como descreveu o também dominicano Magno José Vilela: "Na França, ele tentou continuar seus estudos, mas não conseguiu. Ele estava num estado psicológico extremamente delicado: lhe faltava coragem [*sic*], lhe faltava energia, lhe faltava condições, enfim, para sobreviver. Ele sobreviveu num estado triste até o dia em que ele preferiu a morte"<sup>14</sup>.

Dora, libertada com frei Tito, atirou-se na linha do metrô de Berlim, em 1976, também aos 31 anos. Pouco antes, havia sido submetida a tratamento psiquiátrico<sup>15</sup>. Na Bélgica, Juarez Ferraz de Maia recebia «cartas tristes, piradas e muito dolorosas»<sup>16</sup>, onde ela falava de solidão, angústia, derrota e expunha a descrença nos homens e mulheres e na possibilidade de mudança.

---

<sup>13</sup> Entrevista com Herbert de Carvalho/Herbert Daniel, no *Pasquim*, 13 (643): 22-23, 22/28 outubro de 1981. p. 23.

<sup>14</sup> Depoimento de Magno José Vilela, em Pedro Celso Uchôa Cavalcanti e Jovelino Ramos (orgs.). *Memórias do exílio. 1964 / 19??*. De muitos caminhos. Vol. 1. São Paulo, Livramento, 1978, p. 215. Sur frère Tito, voir aussi le dossiê à la fin de cet ouvrage. Sobre frei Tito, além deste depoimento, ver também o dossiê no final do livro.

<sup>15</sup> Cf. entrevista com Reinaldo Guarany, marido de Dora, concedida a DR, no Rio, 31 de agosto de 1995. Cf. também Reinaldo Guarany. *A fuga*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

<sup>16</sup> Entrevista com Juarez Ferraz de Maia, concedida a DR, em Paris, 27 de novembro de 1995.

A trajetória de um ex-professor da Universidade de Brasília, simboliza também o drama da desorientação no exílio. Ele conseguiu sair do país sem jamais ser preso e, portanto, jamais viveu o drama da tortura. Estabelecido na Argélia, fazia trabalho de apoio à organização à qual pertencia, *preparando* documentos para militantes clandestinos no exílio. Mais tarde, transformado em *clochard*, podia ser encontrado no boulevard Saint-Germain, em Paris.

Se estas são experiências extremas, quando a redefinição ou a reconstrução da identidade não se viabilizou, a comparação de Tomás Tarquínio do exílio com um espelho quebrado por uma pedra, onde é difícil se ver na imagem distorcida, sintetiza a sensação presente em muitos relatos<sup>17</sup>.

A convivência entre brasileiros foi um recurso para amenizar os problemas. No dia-a-dia, nas festas, nas atividades políticas, a colônia de exilados tentava reproduzir um ambiente brasileiro, às vezes, estereotipado por comidas e músicas típicas. Muitos lembram que nunca comeram tanta feijoada como no exílio, prato não tão presente no cardápio diário, no Brasil, sobretudo da classe média, à qual a maioria pertencia.

De um modo geral, os mais adaptados à sociedade repudiavam a vida na colônia e criticavam - e até mesmo desprezavam - quem a vivia intensamente, acusando-os de estarem voltados para si mesmos, incapazes de se abrirem para as oportunidades disponíveis e de desconhecem o país onde estavam. Em contrapartida, estes se ressentiam desta *autonomia*, de uma adaptação identificada à desistência da luta ou aos aspectos das pessoas do país de exílio que a colônia ironizava.

Márcio Moreira Alves chamou de "tribos de canibais", os exilados fechados em si.

Entretanto, a vida em gueto, como os próprios exilados se referem, teve um importante papel. Era uma tentativa de amenizar as inseguranças do exílio, de se resguardar da rejeição e dos preconceitos contra o estrangeiro, de evitar o estranhamento em relação à sociedade, para muitos, de sobreviver. Voltando-se para os que tinham uma história comum, buscavam recuperar o passado que dera sentido à vida, reconhecendo-se naquela cultura que ia muito além dos pratos típicos, enfim, preservando a própria identidade. Ao longo da história, a

---

<sup>17</sup> Cf. entrevista com Tomás Togni Tarquínio, concedida a DR, em Paris, 17 de janeiro e 26 de fevereiro de 1995.

vida em gueto é constantemente um recurso do qual diferentes grupos sociais, em diferentes épocas e lugares, lançaram mão quando viram a identidade ameaçada ou questionada. O gueto foi, portanto, uma forma de resistência, a luta contra a fragmentação, e até de sobrevivência, a negação da negação.

O gueto pode ser também, portanto, um caminho para a reorganização das pessoas e a reformulação do projeto político derrotado. Desta vivência, nasceram comitês de denúncia da ditadura e pela anistia, publicações, manifestações, atividades e grupos políticos e culturais.

O universo delimitado, onde não faltaram os confrontos e as contradições. As duas faces da vida em colônia, a insatisfação do limite que ela impõe e a dificuldade de ultrapassá-la.

#### **IV. O trabalho**

A atividade profissional no exílio teve um peso importante na maneira como a experiência foi vivida, uma vez que a inserção e a adaptação social estiveram diretamente ligadas ao tipo de trabalho exercido.

Na primeira fase, os países latino-americanos abriram a muitos exilados, sobretudo a profissionais liberais formados ou não, a possibilidade de exercerem atividades qualificadas, em instituições de pesquisa e universidades. A ONU, através de projetos especiais, também absorvia estes profissionais. Entretanto, na primeira fase, para os exilados ainda comprometidos com a idéia da volta, a preocupação com trabalho nem estava em pauta.

Na Europa, o quadro mudou radicalmente. Apenas uma minoria conseguiu trabalho em nível equivalente a sua qualificação. Ao contrário, o rebaixamento profissional foi o mais comum, quando pessoas escolarizadas tiveram que exercer atividades desprezadas pelos europeus, transformando-se em empregados domésticos, babás, faxineiros de fábricas, porteiros de hotéis, operários na construção civil etc. O exilado e o refugiado confundiam-se com o migrante econômico. A classe média urbana, maior parte dos exilados, entrava em contato com uma realidade distante. O significado da experiência está no relato de César Benjamin:

"Trabalhei até semana passada numa escola e num jardim de infância como faxineiro, ganhando por um total de 8 horas diárias mas fazendo o trabalho em 5, isto é, das 3 às 8. Ao repetir todos os dias o mesmo trabalho braçal numa escola, ambiente que eu conheço bem como estudante e, na fantasia, desde criança, como provável professor, eu me lembrava sempre das reflexões do Sinclair quando, no início do *Demian*, ele se surpreende com a descoberta de um outro mundo que não era o seu, um mundo “obscuro” (sic) que começava mesmo na sua casa (quarto de empregada, entrada de serviço, trabalho assalariado, alienação etc.), com o qual convivía sem ver e do qual dependia sem perceber para o bom andamento de seu mundo “luminoso” de burguês. E não podia deixar de me ver naquelas pessoas que, como eu quando estudante, certamente jamais pararam para pensar porque encontravam as salas sempre limpas e arrumadas, e que havia uma pessoa por trás disto. Achava muito simpático o gesto de uma professora que mandava a turma deixar as 40 cadeiras já sobre as mesas, na posição inicial da faxina, e limpava sua sala com cuidado especial, embora nunca tenha identificado quem era ela entre as professoras da escola”<sup>18</sup>.

As circunstâncias, a conjuntura de derrota e a necessidade de sobrevivência material impunham o desempenho de funções que, não só nada tinham a ver com as expectativas, mas que subvertiam papéis, em um processo profundamente desorientador. César Benjamin, mais uma vez, traduziu o descompasso entre o que se esperava ser e o que se tornou de fato:

"Nossa inserção social não tem nada a ver com aquilo que pensamos ser nossa identidade, que deveria derivar daquela. Mas segue-se vivendo. Sobreviver não é problema por aqui: tem até calefação. Mas dar um sentido às coisas sem abrir mão nem da honestidade nem da inteligência... Sem fazer o jogo das burocracias... Sem se perder o sentido de quem se é... Sem perder os pontos de referência...”<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Carta de César Benjamin à sua mãe, Iramaya Benjamin. Estocolmo, 31 de maio de 1977, p. 6.

<sup>19</sup> Carta de César Benjamin à sua mãe, Iramaya Benjamin. Estocolmo, 30 de dezembro de 1977, p. 3.

Se, ao que parece, as diferenças culturais afligiram, sobretudo, os exilados das camadas pobres, as condições materiais elementares, facilitadas a quem ganhava o estatuto de refugiado em países capitalistas desenvolvidos, ou a quem era recebido por países socialistas, tinham um inestimável valor para quem sempre vivera privado destes direitos. Nestes casos, o exílio significou, muitas vezes, a melhoria do padrão de vida e a volta ao Brasil implicava uma perda. Ainda assim, o desejo de voltar permaneceu.

Para os exilados de classe média, ocorria, na maior parte das vezes, exatamente o contrário, ou seja, a queda no padrão de vida na Europa. No exílio europeu, poucos conseguiram manter o nível correspondente ao que teriam no Brasil.

Entretanto, a Europa abria a perspectiva do estudo patrocinado por bolsas. Muitos concluíram cursos universitários e seguiram fazendo pós-graduação. Profissionais experientes aproveitaram a ocasião para se doutorarem, freqüentando universidades e bibliotecas. Na Suécia, o Estado concedia empréstimo a quem estivesse na universidade, a ser pago em parcelas, ao longo dos anos seguintes à formatura. Como refugiados políticos, os exilados podiam recorrer a este direito. Em outros países, como a Alemanha ocidental, a França e a Suíça, por exemplo, instituições da sociedade civil, em geral ligadas às Igrejas, concediam bolsas de estudo a refugiados. Às vezes, foram usadas apenas como um meio para a sobrevivência imediata, sem maiores desdobramentos. A opção pelo estudo, freqüentemente, não excluiu o exercício de trabalhos desqualificados, uma vez que as bolsas nem sempre cobriam todas as necessidades materiais. A formação acadêmica capacitou os exilados para o exercício de atividades qualificadas na África ou, mais tarde, na volta ao Brasil, e demonstrava a redefinição do projeto de vida.

Os tipos de ajuda em relação a trabalho variaram. O *Cimade (Comité Inter-Mouvements Après des Évacués)*, além de bolsas, pagou cursos técnicos ou profissionalizantes e, depois ajudava o refugiado a encontrar emprego<sup>20</sup>. A ONU, através do Alto Comissariado para

---

<sup>20</sup> Cf. entrevista com Ricardo Vilas, concedida a DR, em Paris, 30 de novembro de 1995. Quando chegou à França em 1969, vindo do México ao ser trocado com outros presos pelo embaixador americano, Ricardo fez um curso de informática pago pela Cimade, que em seguida lhe conseguiu um emprego técnico de 8 horas diárias.

Refugiados (ACNUR), patrocinou iniciativas de exilados que quisessem estabelecer algum tipo de negócio, concedendo empréstimos.

Os exemplos de exilados brasileiros que conseguiram se inserir, na Europa, como profissionais qualificados são minoritários e trata-se de pessoas do mais alto nível no meio acadêmico e científico. Alguns casos são mais conhecidos: o do professor Luiz Hildebrando Pereira da Silva, demitido da USP pelo primeiro Ato Institucional, em 1964, e da Universidade de Ribeirão Preto pelo AI-5, pesquisador de renome internacional, seguiu a carreira no Instituto Pasteur, em Paris; o professor Paulo Freire, convidado para trabalhar em vários países, estabeleceu-se durante muitos anos em Genebra, no Conselho Mundial das Igrejas; o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, professor na Universidade de Paris X, entre 1967 e 1968. Mas até Mário Pedrosa, figura histórica da esquerda, reconhecido crítico de artes, para quem as portas abriram-se no Chile, onde foi convidado para ensinar no Instituto de Arte Sul-Americana dois dias depois de chegar ao país e, em seguida, para organizar o Museu de Arte Moderna, que logo se transformou no Museu da Solidariedade, encontrou dificuldades para se manter na França<sup>21</sup>.

As lutas de libertação nacional das colônias portuguesas na África e o processo de reconstrução dos países, a partir de meados da década de 1970, criaram um amplo campo de trabalho, em função da carência de pessoal qualificado. Muitos exilados que nos anos anteriores haviam se formado nas universidades européias migraram para o continente africano, o que já caracterizava uma terceira fase do exílio brasileiro. Os programas das Nações Unidas na África também viabilizaram a ida de brasileiros para diversos países, integrados a projetos de educação, comunicação etc. Tratava-se de uma saída para exilados subaproveitados na Europa, onde, revalorizados, puderam exercitar suas especialidades, aprendendo e aperfeiçoando-se como profissionais e adquirindo experiência. Ao optar pela migração, os exilados confirmavam a reconstrução de um projeto de vida.

A África não foi um mercado de trabalho apenas para a classe média que havia passado por universidade, mas também para quem acumulara experiência profissional na Europa.

## V. As memórias no exílio

---

<sup>21</sup> Cf. entrevista com Mário Pedrosa, no *Pasquim*, 9 (469): 4-8, 23/29 de junho de 1978.

As memórias no exílio refletem a dificuldade de compreender as complexas relações da sociedade com a ditadura. Neste sentido, os exilados estariam duplamente isolados: a memória construída ao longo do exílio sobre estas relações estavam longe da realidade do país, como eles estiveram, mas muito próximo de seus desejos. No exílio, as esquerdas continuavam isoladas, desconhecendo a realidade que queriam transformar. Predomina interpretação segundo a qual o *povo* era simplesmente *vítima* do regime que o oprimia e o enganava. Seus valores não se identificavam com os dos militares. O *povo*, como que por definição, se opunha à repressão e à política econômica baseada na concentração da renda que agravava as desigualdades sociais. Os documentos, os artigos da imprensa publicados no exílio, os depoimentos da época e mesmo os relatos recentes o comprovam. Assim, eram tarefas urgentes a denúncia e o esclarecimento da realidade - *desmascarar* a ditadura. Nos anos 1990, ao fazer as entrevistas, percebo como as memórias no exílio e as memórias do exílio sobre este ponto - crucial ainda hoje para a compreensão do Brasil contemporâneo - coincidem.

Mesmo que sejam considerados o controle dos meios de comunicação, a censura, a suspensão dos direitos civis, a reforma partidária, os ilimitados poderes do regime, de que o AI-5 foi a maior expressão, a política econômica concentradora da riqueza, a repressão à liberdade de expressão, a prisão política, a tortura e o assassinato, a reforma da educação baseada na desvalorização do pensamento crítico, tentando formar uma geração a partir do civismo e do patriotismo, o fato de se tratar de uma ditadura não implica que não atendia, em dado momento, aos anseios de considerável parte da sociedade. A prática e o caráter democráticos estavam longe de ser uma tradição no Brasil, e não apenas das elites.

Antes mesmo do início da maior vaga rumo ao exílio, a partir de 1968/1969, a luta no país estivera isolada. A resistência à implantação e à consolidação do regime limitou-se a grupos precisos ou se diluiu em gritos surdos e ações marginalizadas. Esta realidade não se deveu apenas às formas de luta empregadas - luta armada, por exemplo -, mas também às propostas da oposição. Concentradas nas críticas ao regime político e/ou capitalista, não seduziam a maioria, que associava os resultados sócio-econômicos mais imediatos ao governo militar e partilhada de muitos de seus princípios e referências..

Na verdade, os efeitos da resistência ou da oposição foram mais o de manter a capacidade de agir, afirmando uma identidade política que recusava a passividade. Em um quadro profundamente desigual, talvez tenha sido a *resistência possível*, sob um regime intolerante a vozes dissonantes, que exigia o aplauso da unanimidade, alheio à lei ou criando-a segundo interesses próprios. Contudo, não se pode dizer que a resistência ao regime ou o seu enfrentamento tenha sido uma característica dos anos de ditadura, envolvendo parcelas significativas da sociedade, como imaginaram muitos exilados.

Após duas décadas, assistia-se à retirada dos militares sem que houvesse um movimento social contundente para derrubar o regime<sup>22</sup>. A anistia e, conseqüentemente, a volta dos exilados e a libertação dos presos políticos, eram parte de um processo de abertura que, mesmo diante das pressões internas e externas, jamais escapou ao controle dos militares e políticos comprometidos com a ditadura.

No exílio, permanecia ainda a dificuldade para perceber o projeto modernizador do regime instaurado em 1964. Os militares não passavam de *gorilas*, com funções meramente repressivas, a serviço do *imperialismo*.

Esta interpretação da relação de uma sociedade com um regime autoritário foi um fenômeno recorrente em outras experiências de exílio<sup>23</sup>. Expressa a recusa do exilado em aceitar o acordo, a cumplicidade ou a omissão da sociedade com o regime que o expulsou. Além disto, a distância, ela mesma, também contribui para uma certa idealização, obscurecendo aspectos nada compatíveis com uma imagem que se deseja verdadeira. Ao chegarem, muitos exilados traziam uma visão do país e da sociedade um tanto desfocada da realidade, o que vai agravar o impacto da chegada, impondo uma revisão do país e uma revisão de si mesmos.

---

<sup>22</sup> O papel dos movimentos sociais de resistência à ditadura no processo de abertura política e fim do regime tem suscitado muitas interpretações discordantes e o debate, na historiografia é intenso. Cf., entre outros, Daniel Aarão Reis Filho, *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000; Maria Celina D'Araújo et alii (orgs.). *A volta aos quartéis: a memória militar sobre a abertura*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995; Bernardo Kucinski. *O fim da ditadura militar*. São Paulo, Contexto, 2001; Suzeley Mathias. *A distensão militar*. Campinas, Papyrus, 1995; Francisco Carlos Teixeira da Silva. "Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985", in Jorge Ferreira et Lucília de Almeida Neves Delgado (orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura. Vol. 4. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

<sup>23</sup> Cf, por exemplo, Jean-Michel Palmier. *Weimar en exil*. Le destin de l'émigration intellectuelle allemande antinazie en Europe et aux États Unis. 2 vols. Paris, Payot, 1988.

## VI. A negação da negação

As memórias do exílio revelam o desenraizamento das referências que davam identidade política e pessoal às gerações 1964 e 1968; a derrota de um projeto; o constrangimento ao estranhamento; a perda do convívio com a língua materna, o afastamento das famílias, as separações; a interrupção de carreiras, o abandono de empregos; a ruptura física e psicológica; a desestruturação.

Muitos o viveram, fundamentalmente, como luto, como um naufrágio sem salvação, como uma experiência que deixou seqüelas irreparáveis.

O exílio, entretanto, também foi vivido como ampliação de horizontes. Impulsionou a descoberta de países, continentes, sistemas e regimes políticos, culturas, povos, pessoas. Através dele, os exilados entraram em contato com outras trajetórias históricas, com outras referências. Formaram-se profissionalmente, experimentaram trabalhos qualificados e não-qualificados. As memórias do exílio são também memórias da convivência com o legado do Maio de 1968, o feminismo, a liberação sexual, as drogas, o questionamento dos códigos morais, as lutas das minorias, a crítica às vertentes do socialismo contemporâneo.

Para além das continuidades e dos dois pólos - naufrágios e descobertas -, o exílio foi, essencialmente, a *metamorfose*. A diversidade e a intensidade das experiências - "objetivas e subjetivas" - levaram a imprevistas transformações. Assim, o exílio tornou-se essencial na redefinição das gerações 1964 e 1968.

Entre o vasto espaço existente entre o nômade e o sedentário de Radkowski<sup>24</sup>, ora mais um que outro, ora um e outro, os exilados reavaliaram o projeto que havia sido vencido, abandonaram alguns de seus aspectos centrais, agregaram outros, reconstruíram caminhos e concepções de mundo, redefinindo-se a si mesmos. Entre o que deixavam para trás e o que viam diante de si, as contradições, as tradições do passado e as novidades do presente. O futuro.

---

<sup>24</sup> Cf. Georges-Hubert de Radkowski. "Nous, les nomades...". *Actions et Recherches Sociales*. Revue Interuniversitaire de Sciences et Pratiques Sociales. Université Paris Val-de-Marne, Créteil, n° 2, juin 1989.

No embate, se não houvesse naufrágios, os exilados viveram a dolorosa e a maravilhosa experiência da *metamorfose*, tornando-se outros, sem perder de todo traços da condição anterior<sup>25</sup>.

Assim, o exílio foi, simultaneamente, a eliminação e o afastamento das gerações 1964 e 1968, e a sua sobrevivência, o lugar da liberdade de pensamento e crítica, de aprendizado e enriquecimento, o lugar da resistência e da *metamorfose*, a negação da negação.

## VII. Memórias do exílio: de *Sabiá* a *Sebá*

2005 foi o *Ano do Brasil* na França. Muitas atividades ocorreram no país no sentido de promover o conhecimento, a reflexão acerca de nosso passado, de nosso presente. Na Universidade de Paris X, Nanterre, a partir da qual se desencadeou a revolta estudantil do Maio de 68 e na qual Fernando Henrique Cardoso foi professor, aconteceu o *Colóquio Memória, história e imaginários do exílio na França*. No passado recente, FHC havia sido presidente da República, nos anos de revolta e revolução, fora exilado. Ali, em Nanterre, estávamos, pesquisadores brasileiros e franceses, ex-exilados, jovens estudantes discutindo, rememorando o exílio.

Não propositadamente, uma mesa, a última, colocou face a face duas memórias do exílio. De um lado, Adriana Coelho Florent analisava as poesias de *Sabiá* (Chico Buarque, 1968), *Samba de Orly* (Chico Buarque, 1970), *Back in Bahia* (Gilberto Gil, 1972) e *O bêbado e a equilibrista* (João Bosco e Aldir Blanc, 1979). As dores da saudade, da derrota, da solidão, a esperança melancólica de Carlitos. Ao ouvir as músicas, o público emocionado, lembrava a dor passada. De outro lado, Mônica Schpun rememorava para os brasileiros e apresentava aos franceses o Sebá, personagem do humorista Jô Soares, de tanto sucesso na tv nos anos seguintes à anistia. As imagens do *último exilado* levaram o público às gargalhadas, lembrando o riso que dera naqueles dias. Ali, lado a lado, memórias do exílio muito diferentes: uma associava-o à dor, a outra, ao riso.

---

<sup>25</sup> Cf. Gilberto Velho. *Projeto e Metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

Como bem observou Daniel Aarão Reis, nas discussões que se seguiram às apresentações - esta foi a mesa mais controvertida do Colóquio - , se, em meados da década de 1970, os registros sobre o exílio são lamentos, saudades dilacerantes, vozes irreconciliáveis com os que expulsaram, na conjuntura da anistia e no início dos anos 1980, uma outra memória do exílio foi sendo construída. A dor cedeu ao riso.

O projeto da lei da anistia - *nem ampla nem geral, restrita e recíproca* - foi o vitorioso. A abertura política - ou a *distensão* - fora *lenta, segura e gradual*, durou onze anos para abrir dez, sempre sob as rédeas dos militares, passando-as, em seguida, para os políticos civis conservadores, muitos comprometidos com a ditadura, antigos chefes da poderosa ARENA, partido dos militares no poder, conservando o poder que sempre tiveram, assegurando aos militares que o *revanchismo*, mais do que perseguido, estava *banido*, impedido pela lei - a mesma lei da anistia - , pelas alianças tecidas na sucessão dos militares pelos civis conservadores. Então, lembrar o passado, sim, mas de forma seletiva, silenciando o desagradável, o indizível, anulando a compreensão da *zona cinzenta*<sup>26</sup>. Os acordos conciliatórios também - e sobretudo - se davam, então, na esfera da memória.

Como memória coletiva, sofreu negociações e conciliações. Consolidou-se, atravessou as décadas seguintes, cruzou o Atlântico, chegou a Nanterre. Ali, a memória da conciliação, que o Sebá tão bem encarnava, parecia *normal*, banal, como se fosse *o documento que fala por si mesmo*, uma memória dada e não construída. Descarnada da conciliação, despersonalizada, descompromissada. A vitória de uma memória. Vitoriosa porque não se evidencia como construção. Perigosa porque acrítica, porque engessa a reflexão, o conhecimento.

A partir de 1979, todos podiam rir. Assim, se dera o fim da ditadura civil-militar no Brasil. Lembrando o adjetivo militar e silenciando o civil. Como conciliação, sem *revanchismos*, como quiseram os militares e os civis conservadores, como desejaram amplas parcelas da sociedade, sem acerto de contas, numa grande gargalhada na tela da Globo. A conciliação impossível a argentinos e chilenos, possível aos brasileiros. Afinal, aqui, o exílio, a prisão política e os *desaparecimentos* jamais foram de *massas*.

---

<sup>26</sup> Para *zona cinzenta*, ver o magnífico livro de Pierre Laborie . *Les Français des années troubles*. De la guerre d' Espagne à la Liberation. Paris, Seuil, 2003.